

# FRANÇA E BRASIL NO SÉCULO XIX: POSSIBILIDADES DE ANÁLISE ATRAVÉS DA CULTURA IMPRESSA

 10.5935/2177-6644.20230026

FRANCE AND BRAZIL IN THE XIX CENTURY:  
POSSIBILITIES OF ANALYSIS THROUGH THE  
CULTURE OF PRINT

FRANCIA Y BRASIL EN EL SIGLO XIX:  
POSSIBILIDADES DE ANÁLISIS A TRAVÉS DE LA  
CULTURA IMPRESA

Luiza Delamonica Scaglione Lamegal \*

 <https://orcid.org/0000-0001-6867-9329>

PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna. (Orgs.) **Deslocamentos e Mediações: A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

*Deslocamentos e mediações* é um dos três livros de coletânea organizada pela Editora Unicamp, intitulado *Circulação Transatlântica dos Impressos – A Globalização da Cultura no século XIX*, sendo os dois outros livros *Romances em movimento* e *Suportes e Mediadores*. A edição aqui apresentada foi publicada em 2018, com organização de Claudia Poncioni e Orna Levin. Tem como centro cronológico o chamado “longo século XIX” (HOBSBAWM, 1988, p. 13) e nele pretende compreender as relações culturais entre Brasil e França através do comércio livreiro, circulação de revistas e jornais, além de peças teatrais. A chave está na própria ideia de *circulação* onde a França não é o centro das ideias e modismos que são transportadas para o Brasil, mas sim um espaço constante de trocas e saberes difusos. Destaca-se também o caráter internacional da própria escrita dos capítulos, que conta com autores do mundo todo dedicados aos estudos da relação cultural entre Brasil e França no século XIX.

Claudia Poncioni é doutora em Estudos Lusófonos e professora do Departamento de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos pela Universidade Paris 3 – *Sorbonne Nouvelle*, é diretora do Centro de Pesquisas sobre o Mundo Lusófono (CREPAL). Sua pesquisa desenvolve-se em torno de correspondências, memórias, crônicas e diários de autores brasileiros e estrangeiros, particularmente os franceses que escreveram sobre o Brasil. Entre seus principais trabalhos está o recente *Pontes e Ideias – Louis-Léger Vauthier, um engenheiro fourierista no Brasil* pela Companhia Editora de Pernambuco (2000). Orna Levin possui doutorado em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e é livre-docente em Literatura Brasileira. Atual-

\* Mestranda em História Social pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).   
<http://lattes.cnpq.br/0040987466353643> - E-mail: [luiza.scaglione@unifesp.br](mailto:luiza.scaglione@unifesp.br).

mente é professora do departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem na mesma universidade. Possui foco em pesquisas sobre literatura e dramaturgia brasileira publicando, dentre outras obras, *Artur Azevedo – Melhores Crônicas* em parceria com Larissa O. Neves pela Editora Global (2014).

Como é tradicional neste tipo de livro, as organizadoras trazem uma apresentação dos objetivos gerais da obra e autores convidados a compô-la. Destaca-se a preocupação em delimitar não apenas um recorte cronológico largo – o já mencionado longo século XIX, que vai de 1789 a 1914 – e o enfoque nos deslocamentos culturais entre Brasil e Europa, mas também no eixo Europa-Brasil. Para as autoras, neste momento há a convergência de dois fatores fundamentais para o desenvolvimento cultural brasileiro e a troca de ideias: a abertura dos portos em 1808 e a circulação cada vez maior de mercadorias, artesãos, comerciantes e também viajantes, tudo sistematicamente anunciado nos jornais que então multiplicavam-se (PONCIONI; LEVIN, 2018, p. 15-16).

É justamente sobre esses trânsitos e representações que se debruçam os estudos do presente livro, mais particularmente sobre as peculiaridades da inserção do Brasil nas articulações globais do século XIX. Os variados acontecimentos históricos que marcaram os países europeus, em especial França e Portugal, tiveram repercussões claras naqueles que viviam ou passaram a viver na antiga colônia lusitana (PONCIONI; LEVIN, 2018, p. 17).

A princípio a proposta parece previsível, pois é largamente conhecida a influência cultural da França no mundo ao longo oitocentos, porém o trabalho das organizadoras – e dos autores da obra – dá novo fôlego ao debate, colocando o Brasil também como protagonista dessas trocas de ideias. Assim a primeira parte do livro, *Trânsitos e recriações*, aborda a passagem e presença de franceses no Brasil. Conhecidos como mediadores ou *passseurs*, estes indivíduos desempenharam importante e ativo papel na formação e difusão da cultura letrada no território brasileiro.

O primeiro capítulo, de Jacqueline Penjon, *Das Américas para a Europa: a mediação do tradutor na circulação das obras*, demonstra com primazia como, na relação entre Brasil e França, não havia um centro de onde apenas algumas ideias seriam difundidas para outros locais. Ao contrário, a autora discorre sobre o papel fundamental do tradutor na circulação de obras brasileiras até então desconhecidas fora do mundo lusófono e que ganhariam popularidade entre os franceses a partir de traduções realizadas por grandes letrados da época, como Ferdinand Denis e Eugène Garay de Monglave. Destaca-se a popularidade de obras como *Marília de Dirceu* e *Caramuru*, uma de grande popularidade no Império Luso e outra relativamente esquecida, trazida de volta à vida por causa da tradução para o francês.

Temas que já figuram neste capítulo e retornam diversas vezes ao longo do livro são as

dificuldades na tradução e adaptação de obras. A autora destaca o uso da prosa-poema não apenas por ser gênero literário popular na época, mas por facilitar a tradução de obras poéticas, onde as rimas e o encadeamento de palavras causam dificuldade nas traduções mais literais. Outro tema sempre presente é o papel fundamental da imprensa na publicação e circulação de impressos. Esse papel poderia ser desempenhado diretamente – como na publicação de trechos de uma tradução em uma revista ou indiretamente, na forma de anúncios e resenhas.

Já quanto à forma como franceses percebiam brasileiros e vice-versa, os capítulos dois, *Viagens, relatos e livros: Ferdinand Denis entre a França e o Brasil*, de Claudia Poncioni, e três, *Apropriações e releituras de relatos de viagem: o abandono de Gaetano Osculati relatado por Ferdinand Denis e Victor Chauvin*, de Brigitte Thiéron, trazem importantes reflexões acerca do *passeur*, essa categoria de viajante que frequentemente imprimia sua visão acerca dos locais visitados em obras publicadas posteriormente na Europa. Poncioni apresenta especificamente a trajetória de Ferdinand Denis através de cartas e um de seus diários. Ela destaca o fato de que para os viajantes a trajetória começava ainda na Europa, com a leitura de outros relatos do território que o indivíduo visitaria, reforçando concepções que seriam afirmadas ou não quando o próprio viajante concluísse a trajetória. Mais do que reforçar a ideia de uma dinâmica entre colonizados e colonizadores, os objetivos desses capítulos é justamente levantar a ideia de que a viagem – que necessariamente passa pela circulação, pelo deslocamento humano – nada mais é do que um local de encontro comum entre pessoas e experiências diversas, que seriam impressas, seja numa perspectiva mais científica ou romantizada.

Thiéron retoma Denis, mas agora já na França e no papel de editor e tradutor. Junto com o colega Victor Chauvin ele dedicou-se a combater o novo estilo literário que surgia, a obra robinsonada, que, inspirada pelo *Robson Crusoe* de Daniel Defoe trazia ao mesmo tempo elementos dos relatos de viagem com uma boa dose de ficção. Assim, o objetivo dos franceses ao traduzir e fazer circular trechos do relato do italiano Osculati era um viés cientificista ao relato de viagem que nesse momento perdia-se na romantização das obras robinsonianas, muito populares na Europa neste momento histórico. Destaca-se o papel fundamental da imprensa, na forma da *Magasin Pittoresque* em fazer circular os trechos do relato de Osculati. O cientificismo aqui dizia mais respeito aos aspectos geográficos, do clima, fauna e flora brasileiros. O exotismo continuava presente, assim como um certo moralismo cristão, que buscava imbuir essas histórias de uma moral. No caso dos relatos esse objetivo era atingido ao destacarem-se os momentos mais intensos de provação e superação pelas quais os viajantes passavam.

A circulação de ideias entre brasileiros e franceses continua como objeto de estudos, agora na figura dos letrados em *Um Jogo de Espelhos: representações do “homem de letras” entre a Europa e o Brasil (1840-1889)* de Sébastien Rozeaux. O autor busca compreender o desenvolvimento do comércio livreiro no país e as dificuldades que atingiam autores num país que dependia da França tanto como inspiração na construção de uma literatura nacional, assim como da atuação direta dos franceses que se instalavam como editores e livreiros no Brasil. É importante frisar, tanto no capítulo como no livro, que a “literatura nacional” aqui é entendida como algo difuso, que pretende ser fechada em um Estado-Nação, mas na prática dependia de todo um deslocamento cultural para se consolidar enquanto tal. Neste texto em particular o exemplo parte pela França e pelo mercado de impressos que dialoga com o brasileiro. Quanto ao chamado “escritor orgânico”, ou seja, aquele que não era necessariamente financiado pelo Império, Rozeaux chama a atenção para as dificuldades financeiras e de reconhecimento num momento em que o mercado editorial no Brasil ainda engatinhava. Ao mesmo tempo, havia certa distinção, entre membros de uma mesma classe, onde o “homem de letras” intelectual, se vê como superior. Esse seria um dos fatores que futuramente impulsionariam o comércio de livros e o reconhecimento de autores no país, já em meados do século XIX. A trajetória de alguns escritores, como Teixeira e Souza, José de Alencar e Joaquim Manuel Macedo mostram como autores foram do patrocínio imperial e do mecenato para contratos com editores, dos quais destaca o francês Garnier.

Embora apresente temas distintos a primeira parte do livro aproxima Brasil e França pelo jogo editorial, tanto lá como aqui. Aspectos da tradução, circulação e recepção de obras mostram como há um espaço a ser explorado, principalmente no que diz respeito à própria visão que brasileiros tinham da forma como eram retratados no exterior. À época, o Brasil buscava enquadrar-se como nação civilizada e em grande parte moderna – nos moldes europeus e liberal – e a forma como viajantes, comerciantes e a imprensa retratava a nação era de grande interesse para a população em geral. A segunda parte do livro, *Leituras e Entretenimento*, debruça-se justamente sobre essa questão.

Em *Um Brasil para divertir os franceses: “Voyage au Brésil” e Deux Années au Brésil, de François-Auguste Biard*, Giselle Martins Venancio reconta a viagem ao Brasil do pintor francês François-Auguste Biard. Com o objetivo de entreter e divertir, o pintor publicou seu relato e ilustrações na revista francesa *Le Tour du Monde*, conhecida por divulgar esse tipo de narrativa e da qual Biard foi grande colaborador. Entre os franceses a publicação de *Voyage au Brésil* foi um imenso sucesso, mas entre os brasileiros a recepção foi bem diferente. Venancio destaca como em

meados do oitocentos os relatos de viajantes haviam se popularizado entre todos os estratos sociais da França. Biard então teria chegado ao Brasil com uma visão preconcebida do país, uma nação “selvagem” e carregada de nativos.

Biard era, segundo a autora, pró-abolicionismo, entretanto a escravidão no Brasil aparece “de forma amena” (VENANCIO, 2018, p. 177), com a intenção de divertir o público, mais do que afirmar-se politicamente. Como colaborador da *Le Tour du Monde* ele sabia exatamente o que procurar, como retratar e escrever para entreter o público francês. Empreende ainda uma difícil viagem ao Pará, para retratar indígenas “selvagens”. Ou seja, em Biard a intenção é retratar o pitoresco e exótico, é divertir mais do que informar. Se foi bem recebido na França, no Brasil as críticas à obra do pintor não foram poucas. Muitos jornais, ansiosos em publicar a narrativa, não esconderam sua decepção com a forma como o país fora retratado. Este fato é apontado pela autora como tendo duas causas distintas: a primeira é que embora muito da cultura francesa tenha sido consumida no Brasil, nem sempre os próprios brasileiros concordavam ou aceitavam o que era transposto de um lado a outro. A segunda é que o relato de viagem não deve ser entendido como gênero, mas sim como um conjunto de gêneros textuais, escritos por indivíduos com visões e intenções distintas.

Andréa Borges Leão vai de encontro ao capítulo de Venancio, apontando como a literatura de viajantes adentra o da literatura juvenil. Aqui também é retomado as características moralizantes que essas narrativas tomavam, conforme pode ser visto no capítulo três. *O Brasil na edição juvenil francesa oitocentista* utiliza dos catálogos da livraria de Garnier para apontar quais tipos de narrativas de viagem eram importadas da França para o Brasil e que tinham como tema a viagem. Para a autora, Garnier possuía a intenção pedagógica de educar os latinos em normas e morais europeias. Já na França, a produção desse tipo de literatura teria sido apropriada pelo cristianismo, produzindo livros cada vez mais carregados de utilidades morais para a formação de jovens mentes. Interessante o destaque que a autora dá à assimetria das relações entre Europa e Novo Mundo, algo que seria percebido mesmo no período das publicações.

Caminho diferente, mas não menos importante, foi tomado por Isabel Lustosa no capítulo sete, *Visões do Brasil na Imprensa Francesa (1831-1832)*. Enquanto os outros capítulos focaram na viagem e nas visões pitorescas que franceses imprimiam em seus relatos sobre o Brasil, Lustosa analisa como a sociedade brasileira era retratada na imprensa francesa. Para a autora, o artigo satírico publicado no *Le Figaro*, na França, fornece possibilidade de entendimento da circulação de ideias entre Europa e América. A matéria descreve uma falsa viagem empreendida pelo rei deposto

Carlos X ao Brasil. Destaca-se o fato de que o rei teria aportado no Pará, pois coincide com um artigo publicado no jornal brasileiro *Nova Luz Brasileira*, que discorria sobre um rumor similar. Para a autora, esse fato pode fornecer um caminho de entendimento para a circulação de ideias entre um país e outro. No artigo o *Le Figaro* não poupa ao utilizar-se de visões estereotípicas sobre a cultura luso-brasileira a fim de obter efeito cômico, tais como o uso excessivo de alho na alimentação dos brasileiros. A sátira imprime a visão de uma sociedade brasileira organizada nos moldes europeus, porém violenta, “selvagem” e predisposta a se revoltar o que faz com que o Brasil se torne neste momento um espelho para o que era entendido sobre o restante da América do Sul. Vale lembrar que neste momento histórico a América passava por diversas lutas de independência, as quais culminaram em repúblicas, à exceção do Brasil. A publicação coincide com a chegada de D. Pedro I a Paris, logo após a Abdicação. Como ponto de contraste, Lustosa apresenta como sua viagem pela França foi retratada na imprensa francesa. De um lado, liberais abraçaram o imperador como homem moderno enquanto a oposição teria retratado-o de uma perspectiva negativa. Segundo a autora, D. Pedro despertava curiosidade por ser um rei como o entendido na Europa, mas estabelecido na América desde a infância. O que não mudaria é a visão geral do Brasil, como país selvagem e tomado pela violência.

A dramaturgia fornece outras possibilidades de exploração da relação entre Brasil e França. A terceira parte, *Espetáculos e disseminações*, gira em torno da produção e recepção de obras teatrais, particularmente aquelas articuladas em torno do compositor Jacques Offenbach. Essas obras iam além da dramaturgia clássica, apresentando pantomimas, sátiras e outros gêneros associados ao teatro de bulevar.

Orna Levin, no oitavo capítulo, dedica-se a analisar como as práticas palacianas, dentre as quais destaca o teatro, influenciaram artistas estrangeiros e como estes também influenciaram a arte no Brasil. O Teatro de São Januário viria a ser um dos espaços prediletos pelas companhias francesas, que traziam para seu interior as óperas-cômicas e *vaudevilles* em conformidade com aquilo que estava em moda em Paris. Segundo a autora esses gêneros, mais leves e divertidos traziam um fator de novidade em contraste às farsas portuguesas. A diversão por vezes aliava-se à crítica político-social e por isso ganhou rápida popularidade entre o público. Ela também destaca alguns detalhes da vida das trupes, onde o deslocamento dos atores para a América do Sul podia representar uma possibilidade de ganhar notoriedade antes de retornar à França. Por outro lado, também era um caminho cheio de dificuldades, com contratos curtos e a incerteza de obter trabalho no futuro.

A popularidade de operetas e óperas-bufa deram início ao surgimento dos cafés-cantantes, mais populares e baratos do que os teatros tradicionais. Estes espaços, particularmente o Alcazar Lyrique no Rio de Janeiro seriam os espaços prediletos de companhias que pretendiam encenar e parodiar as obras de Offenbach. Anaís Fléchet, em *A arte da paródia: circulações e adaptações da obra de Offenbach no Brasil*, destaca como elas fizeram sucesso entre o público brasileiro, apesar dos ataques da imprensa, que por vezes as consideravam de mal gosto. Além do aspecto óbvio de circulação de ideias através das companhias e obras francesas, a autora destaca que as óperas não eram apenas traduzidas, mas adaptadas ao gosto brasileiro. “Lembremos, para começar, que as paródias se baseiam numa boa lógica de transposição, que desloca a ação e as personagens para um quadro nacional” (FLÉCHET, 2018, p. 282). Nos casos de *Orfeu na Roça* e *Orfeu na Cidade*, ambos adaptados da ópera bufa de Offenbach, *Orpheé aux enfers*, a história é transposta, respectivamente, para o interior do Brasil e depois para a cidade grande, simbolizando modernidade. Além de críticas veementes ao imperador D. Pedro II e à Guerra do Paraguai, destacam-se as adaptações musicais, que passam a ser ritmos brasileiros, como o fado. Por seu caráter popular, as elites – provincianas e cidadinas – e o clero, são duramente criticadas nessas paródias, ao passo que elementos afro-brasileiros, como o samba e a capoeira, constituíam fator de aproximação com o público.

Situadas no final do século XIX as adaptações de Offenbach são utilizadas por artistas e pela imprensa como principal meio de difundir críticas e anunciar os ares de modernidade que chegavam. Temas como o republicanismo, abolicionismo e desprezo geral pelas elites presas em um passado monárquico cruzavam-se com um estilo vindo da Europa. Uma vez aqui ele é transformado para algo totalmente novo, especificamente brasileiro. Talvez o melhor exemplo dessa relação seja a revista *Ba-Ta-Clan*, publicada em francês no Brasil e objeto de estudo do último capítulo, de Jean-Claude Yon. Segundo o autor, as operetas offenbachianas e a pequena imprensa do período tinham vários aspectos em comum, com particular destaque para a sátira política. Uma leitura atenta da revista em questão mostra o lugar privilegiado que o compositor ocupava em suas páginas. Mas o que realmente pode-se apreender desses elementos é o lugar deslocado que a revista ocupava. Elogiosa de um compositor francês de grande popularidade no Brasil, a revista não poupava em criticar – sempre de forma satírica – a política e sociedade brasileira. Por vezes seus editores viam-se em discussões com os leitores, justamente por serem franceses, publicando em francês, mas ainda assim tendo como público leitor os brasileiros. Os artigos, ilustrações e sátiras da revista serviam tanto para divertir, influenciar – como no caso das críticas às apresentações no Alcazar

Lyrique, que ocupava junto com o Offenbach um lugar privilegiado nas páginas da *Ba-Ta-Clan* – e também para discutir, divergir em opiniões em sentimentos. Segundo Yon, a realidade, nas páginas da pequena imprensa, era vista pelo prisma do teatro (YON, 2018, p. 320).

Em livros organizados, os capítulos desenvolvessem-se como artigos fechados em si mesmos, mas sempre em torno de um tema comum. Por esse motivo as especificidades de cada autor e seus objetos de estudo devem ser interpretados em suas particularidades. No livro os capítulos foram organizados de forma em que se pode estabelecer diálogos, principalmente pelo cuidado dos autores em destacar as nuances da relação entre os dois países. A cultura ocidental no século XIX pode ser caracterizada pelo processo de profissionalização do intelectual, marcando um ponto de ruptura na antiga dependência desses indivíduos em relação à aristocracia e Igreja – algo típico do Antigo Regime (BOURDIEU, 2007, p. 101). Ao mesmo tempo, letrados e artistas produzem para sua própria classe enquanto buscam agradar a um público cada vez mais variado e de diferentes estratos sociais (BOURDIEU, 2007, p. 192). Há uma chave pela qual podem ser lidos quaisquer capítulos de *Deslocamentos e Mediações* sendo esta a da circulação das ideias no meio erudito e como cada grupo as adaptou.

Esse aspecto de circularidade e reversibilidade (BOURDIEU, 2007, p. 111-112) é abordado na obra segundo diferentes perspectivas. Por exemplo, os teatros opunham-se grandemente aos cafés-cantantes. A imprensa ocupa papel central, pois opera como mediadora dessas disputas difundindo opiniões diversas. As obras não eram apenas recepcionadas por pares, mas também pelo público geral que a consumia na forma de livros, artigos nos jornais e revistas ou nas peças de teatro. O deslocamento da cultura impressa por esses diferentes espaços acarreta novos sentidos, ainda que o bem cultural em questão seja o mesmo (CHARTIER, 1991, p. 186). Cabe àqueles que se debruçam sobre estes temas buscar tensões nas particularidades do cotidiano do leitor e do editor. Poncioni, Levin e os outros autores realizam bem essa tarefa, apresentando possibilidades de entendimento das relações entre Brasil e França pelo universo dos impressos.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, 1991, p. 173-191.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. São Paulo: Paz & Terra, 1988.

PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna. (Orgas.) **Deslocamentos e Mediações: A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

*Recebido em: 28 de setembro de 2022.*

*Aprovado em: 23 de novembro de 2022.*